

O FRAGMENTO CERÂMICO COMO ELEMENTO INTEGRANTE DA PRÁTICA ARQUITECTÓNICA – UMA ABORDAGEM CONTEXTUAL PARA A COMPREENSÃO DA VIVÊNCIA, CONSTRUÇÃO E OCUPAÇÃO DO CRASTO DE PALHEIROS E SUAS TEMPORALIDADES NO 3º MILÉNIO A.C.

Maria Helena Barbosa

CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória
FLUP – Faculdade de Letras da Universidade do Porto

RESUMO

O estudo que apresentamos insere-se, em termos gerais, na problemática das arquiteturas monumentalizadas do Calcolítico no norte de Portugal e pretende, de forma particular, contribuir para a compreensão do processo construtivo do Crasto de Palheiros. A opção de assumirmos o fragmento cerâmico como unidade de estudo relaciona-se com a ênfase que pretendemos dar à multiplicidade de acções conectadas com o mesmo, destacando a importância que este pode ter na construção de espaços.

A necessidade de encarar o fragmento cerâmico como parte valiosa para a interpretação da prática arquitectónica, dos processos de formação de depósitos e das diferentes temporalidades inerentes à vivência e à construção deste tipo de recintos levou-nos a desenvolver um inquérito que procura explorar as potencialidades deste tipo artefactual, adicionando complexidade temporal e espacial ao estudo dos contextos.

Os fragmentos estudados provêm de diferentes unidades construtivas, conectadas com diferentes momentos de ocupação e construção do Crasto de Palheiros, tendo sido analisados com o objectivo de compreender as relações estratigráficas e cronológicas entre as estruturas arquitectónicas, em constante reformulação.

Interpretando cada contexto (e correspondente espólio cerâmico) na sua individualidade, o presente estudo permitiu identificar diferentes actividades, processos e motivações que terão dado origem à incorporação dos artefactos no registo

arqueológico. Permitiu igualmente elaborar um conjunto de hipóteses quanto às mutações da sua própria configuração enquanto fragmentos.

Palavras-chave: Crasto de Palheiros, Fragmentos Cerâmicos, Arquitectura, Temporalidades, Contextos.

ABSTRACT

This study places on the overall discussion of the monumental enclosure work on the Chalcolithic Period in the North of Portugal, and specifically aims to improve the comprehension of the constructive process of the Crasto de Palheiros site.

We selected the pottery fragment as study object due to the multiplicity of actions this material can perform, especially in what concerns to the construction of spaces.

The pottery fragment should be considered a valuable tool in the interpretation of the architectonic practice, stratigraphy and temporality inherent to dwelling and the construction of this type of enclosure. In this particularly study we developed an inquiry aiming to explore the potentiality of this materials in order to add temporal and spatial complexity to the archeological contexts.

The studied fragments derive from different constructive unities linked to different occupation and construction periods of the Crasto de Palheiros site and were examined to understand stratigraphic and chronologic relations between architectonic structures, in constant reorganization.

The understanding of each context and related ceramic objects allowed us to identify different activities, procedures and reasons which led to incorporate these artifacts in the archaeological record, and permitted us to elaborate hypothesis concerning the changes of it's own structure as fragments.

Key-words: Crasto de Palheiros, Pottery Fragments, Architecture, Temporalities, Contexts.

O Crasto de Palheiros, situado no norte de Portugal, é um sítio arqueológico de grande monumentalidade e ampla diacronia de ocupação, tendo sido construído e ocupado entre os inícios do 3º milénio a.C. e o século II da nossa era.

Reconhecido como sítio arqueológico de elevado interesse científico desde os finais dos anos de 1980, o Crasto

viria a ser intervenção a partir de 1995, no âmbito de um projecto de investigação coordenado pela Professora Doutora Maria de Jesus Sanches, que consistiu na preservação e no estudo aprofundado de um sítio que, desde as primeiras acções de prospecção realizadas, se revelou singular no contexto regional e até peninsular.

1. LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA

O Crasto de Palheiros situa-se na província de Trás-os-Montes e Alto Douro, no concelho de Murça, distrito de Vila Real, e tem como coordenadas geográficas: Lat. – 41° 24' 9"N; Long. – 7° 22' 45" W e 590 metros de altitude absoluta (C.M.P. 1:25 000, folha 89).

A estação localiza-se no extremo sudoeste da bacia depressionária de Mirandela e insere-se na designada Terra Quente transmontana, um espaço de elevada altitude, onde predominam montanhas e planaltos que alternam com depressões e vales encaixados. O Crasto de Palheiros desenvolve-se numa colina bastante proeminente na paisagem, em pleno afloramento quartzítico que, conjuntamente com as serras da Garraia e Santa Comba, se inclui numa mesma formação geológica.

O maciço ocupado pelo Crasto é cortado abruptamente na vertical pelo lado Sul e SSW, por uma escarpa de 40 metros de altura que cai sobre o vale encaixado da ribeira de Vale da Ria, afluente do rio Tinhela. Na vertente oposta, virada a um curso de água que conduz à ribeira de Aila, a topografia desenvolve-se em zonas aplanadas topograficamente desniveladas.

2. CRASTO DE PALHEIROS NO 3º MIL. A.C.: O TALUDE E A PLATAFORMA INFERIOR

A monumentalização da paisagem apresenta-se, materialmente, como a principal consequência das transformações ocorridas no 3º mil. a.C. A construção de recintos monumentais assume um papel congregador das comunidades que, através da acção colectiva permanente, reforçam os laços intercomunitários. A ocupação do espaço está, assim, ligada à prática, à construção, traduzindo-se numa constante reformulação do projecto arquitectónico. Está aqui subjacente um conceito de “fazer Arquitectura” muito particular, em que, na linha de pensamento de Heidegger, se entende o construir como o habitar em si mesmo. “*Não habitamos por termos construído, mas construímos na medida em que habitamos, quer dizer, enquanto somos os que habitam*” (Heidegger, 1951:350). Pegando nesta abordagem, Tim Ingold desenvolveu a “*Dwelling Perspective*”, segundo a qual forma (estrutura) e *design* (projecto) se conjugam numa relação dialéctica permanente, ou seja, não como um meio e um fim, mas entendendo a Arquitectura como acto contínuo, em constante realização (Ingold, 2000). A abordagem teórica que fazemos ao sítio monumental do Crasto de Palheiros insere-se neste paradigma de Arquitectura como vivência comunitária, que actua de forma activa no processo de construção identitária.

As construções calcolíticas do Crasto modelaram, assim, ao longo de cerca de 1000 anos, a fisionomia primitiva da crista quartzítica, adaptando-se à topografia natural da colina, de que resultou uma fusão do espaço pré-existente com o espaço construído e conferindo ao sítio um aspecto imponente e único na paisagem (Fig. 1). O “projecto” sofreu alterações ao longo do tempo, tendo na sua base uma concepção de monumentalizar um lugar escalonado em zonas topograficamente diferenciadas. Há uma hierarquia espacial altimétrica evidente entre o topo da colina e a vertente, o que poderá ter orientado o desenvolvimento da construção do monumento, estru-

turando-se este, assumidamente, em duas zonas diferenciadas: a Unidade Interna, no topo da colina, e a Unidade Externa, na sua vertente, rodeando a primeira. O objectivo deste estudo é contribuir para a compreensão do processo construtivo da Unidade Externa, concretamente das estruturas da zona Leste: Plataforma Inferior Leste (PIL) e Talude Exterior Leste (TEL).

Embora o recinto inferior fosse já uma zona naturalmente aplanada, esta plataforma foi rodeada e redefinida pela construção de um sólido talude (Talude Exterior), construído com lajes de quartzito e xisto quartzítico de variadas dimensões e terra argilosa, usada como ligante. Este talude foi implantado de forma a conectar



Fig. 1. Crasto de Palheiros visto de Norte, podendo observar-se a Unidade Interna, no topo da colina monumentalizada, e a Unidade Externa, na sua vertente (foto cedida por Maria de Jesus Sanches).

os afloramentos rochosos pré-existentes, configurando uma sólida rampa. No seu topo foi construída uma muralha de base pétreo e corpo em terra argilosa e outros materiais perecíveis (Muralha Exterior), que se desenharia em arco convexo relativamente à plataforma. Este conjunto arquitectónico (talude e muralha) configura e delimita a Plataforma Inferior, onde se identificaram diferentes estruturas relacionadas com a ocupação daquele espaço. Posteriormente, as actividades desenvolvidas neste recinto vão sendo paulatinamente seladas, ficando toda a vertente da colina, nesta fase, totalmente coberta por uma imponente carapaça pétreo. O Cras-

to ganha uma dimensão física e visual considerável, um sítio para ver e para ser visto. Porém, esta monumentalização do sítio não deverá ter ocorrido em simultâneo em todas as zonas. A ideia de uma colina com as suas vertentes cobertas por construções pétreas num único momento só pode ser atribuída, com segurança, a uma fase terminal (Sanches, 2005). Esta multi-temporalidade do Crasto é, aliás, um elemento fundamental da sua própria conceptualização enquanto arquitectura.

A Plataforma Inferior terá sido intensivamente ocupada e as suas estruturas sofreram constantes remodelações, condenações e reutilizações, que

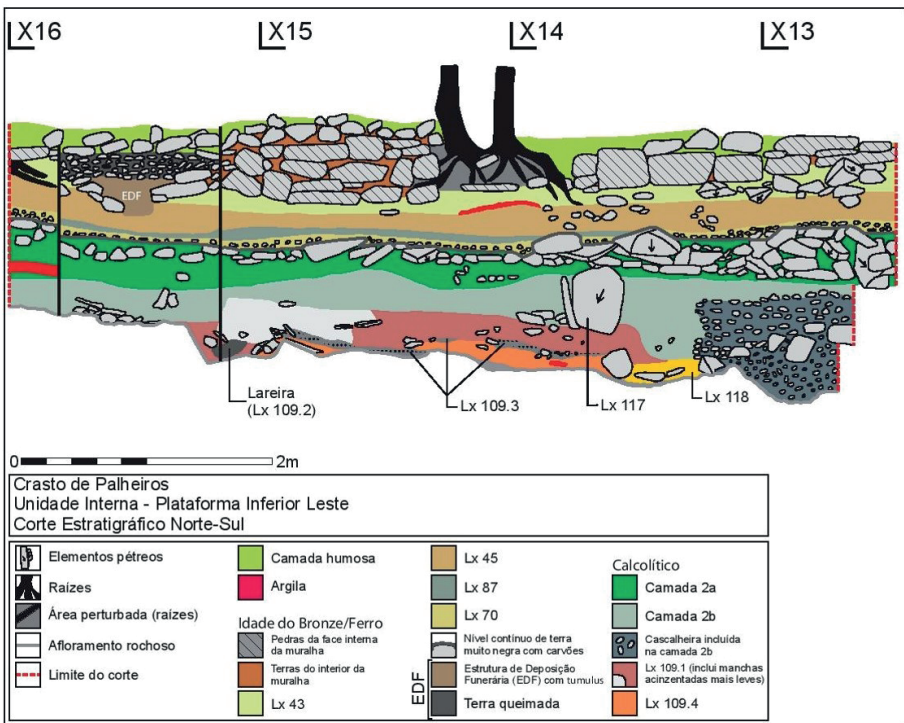


Fig. 2. Corte estratigráfico Oeste-Este da quebra do TEL e do início da PIL (extraído de SANCHES (coord.) 2008:175).

ocorreram, muito provavelmente, em diferentes momentos. Enquanto uma determinada área estava “ativa” (i.e. com as suas estruturas a serem utilizadas) ou mesmo em fase de construção, uma outra área estaria a ser encerrada, até se encontrar, num último momento, totalmente selada por uma carapaça pétreia. Identificaram-se, assim, dois níveis estratigráficos nesta plataforma, referentes a um momento de ocupação propriamente dito – Camada 2b, e a um momento de encerramento – Camada 2a. (Fig. 2)

Camada 2a | Acredita-se que o encerramento não terá ocorrido num único momento, correspondendo antes a um conjunto de ações que procederam ao selamento das diversas estruturas conectadas com a ocupação do recinto. Estas ações de encerramento, porque prolongadas no tempo, fazem deste “momento” uma fase construtiva e não uma fase cronológica propriamente dita, uma vez que o registo arqueológico não permite individualizá-las cronologicamente. O encerramento terminal das estruturas associadas à ocupação da PIL fez-se através do alteamento do talude e derrube da muralha, que deixa assim de existir, integrando-se nesta estrutura de condenação que se estende em lajeado até à base do Talude Superior. O encerramento traduz-se por uma carapaça espessa de pedras e terra, formando um empedrado contíguo à curvatura do talude.

Camada 2b | Identificaram-se neste nível de ocupação, subjacente à camada 2a, estruturas subcirculares constituídas por pedras verticais ou assentes em cunha e estruturas de combustão que se relacionam entre si, tendo sido interpretadas como estruturas de habitat. Para além destas estruturas conectadas com a “vida doméstica” foram identificadas, também, estruturas de um outro tipo, contemporâneas destas, seladas intencionalmente e que contêm um conjunto de deposições relacionadas com actividades de difícil caracterização.

O Talude Exterior Leste resulta da combinação de duas unidades construtivas: Talude Exterior Leste 1 (TEL 1) e Talude Exterior Leste 2 (TEL 2), posterior ao primeiro.

TEL 1 | A construção do TEL 1 tirou proveito das pré-existências, os penedos, adaptando-se às características topográficas do terreno. Assim, foram utilizados blocos de dimensões muito grandes para prolongar esses afloramentos e melhor delimitar e ampliar a plataforma. No topo superior do talude terá existido uma muralha, possivelmente de terra e/ou materiais perecíveis, da qual não se conhecem vestígios materiais. Na realidade, a forma como os sedimentos da PIL se dispõem, sendo cortados verticalmente, evidenciam claramente a existência, naquele local, de uma barreira vertical (*effect de paroi*). Esta leitura estratigráfica foi o que demonstrou comprovadamente a existência do TEL 1 (e da muralha)

aquando da ocupação da plataforma (Sanches, 2008:116). A cerca de 7 m do limite exterior do TEL 1 foi criada uma faixa de “pedras fincadas” com cerca de 8 m de largura que funciona como uma barreira delimitadora do sítio. No espaço compreendido entre o limite do TEL 1 e as “pedras fincadas” foram identificadas estruturas cuja funcionalidade se desconhece, mas que indicam claramente que aquela área terá sido de alguma forma ocupada.

TEL 2 | Implantado na zona exterior do primeiro talude, o TEL 2 prolonga-o até ao limite interior da fachada de “pedras fincadas”. Com cerca de 7 m de comprimento, adossa e sobrepõe-se parcialmente ao TEL 1, formando uma unidade arquitectónica, o Talude Exterior Leste (que integra, então, dois momentos construtivos). A estrutura interna do TEL 2 é muito semelhante à das mamoadas de terra cobertas por uma camada pétreia.

3. FASEAMENTO E TEMPORALIDADES

A dificuldade em estabelecer contemporaneidades generalizáveis a todas as áreas do Crasto e em estabelecer um faseamento geral para o sítio foi desde logo reconhecida, uma vez que existe uma total descontinuidade topográfica e estratigráfica entre as diferentes zonas. Acresce ainda o facto de as datações absolutas, quando calibradas a 2 sigma, apresentarem intervalos de

confiança de tal forma amplos que não permitem, ou dificultam bastante, a articulação espacial e cronológica entre as várias zonas do Crasto. Não sendo possível elaborar um faseamento discreto que integre todas as particularidades contextuais, tem-se optado por apresentar um faseamento geral do sítio, que consiste fundamentalmente numa sequência de eventos construtivos (Sanches, 2008:43). Com base na análise estratigráfica e na sua conjugação com as datas de radiocarbono é possível indicar os grandes momentos construtivos do Crasto. Porém, a temporalidade de uma sequência de eventos não corresponde necessariamente à temporalidade da utilização de determinado contexto ou vestígio material, ou da duração de determinado evento.

A construção do Crasto de Palheiros no 3º mil. a.C. não se realizou num único momento, que possa ser individualizado num instante de tempo. Obedeceu a uma lógica de constante transformação arquitectónica, através da construção, reconstrução e encerramento das suas estruturas, práticas que vão sendo alternadas no espaço e no tempo (Sanches, 2003). Quer isto dizer que, dentro desse amplo intervalo de tempo que apresentamos (3º mil. a.C.), muitas acções decorreram, em diferentes momentos e com diferentes durações. Estruturas associadas com processos de longa duração conectam-se no registo arqueológico com estruturas relacionadas com acções de curta duração. Entendemos assim que, para compreender este sítio na sua totalida-

de, necessitamos de falar dos tempos, das cronologias, das temporalidades do Crasto de Palheiros.

Há várias questões que permanecem em aberto relativamente ao processo construtivo da PIL e do TEL. Não há datações disponíveis da base do TEL 1, mas supõe-se que este é posterior ao Talude Superior¹, e anterior à ocupação da PIL, não nos permitindo avançar com uma proposta de datação discreta para o início e para o término da sua construção. São deduções que fazemos com base na análise estratigráfica e, no caso do Talude Superior, com base também numa lógica de operacionalidade construtiva (Sanches, 2008:112). As datações de radiocarbono obtidas, embora muito úteis, não permitem um faseamento discreto destas unidades construtivas. Destacamos aquilo que as datações nos indicam (Quadro 1 e Quadro 2):

- As datações obtidas a partir de estruturas situadas imediatamente sobre o solo geológico da PIL (Lx. 109.2 e Lx. 41.2) indicam-nos que o limite inferior para a ocupação deste recinto se situa entre 2859-2475 cal. a.C. 2σ . Mas não podemos

estabelecer sincronias entre ambas nem ter a garantia absoluta de que materializam a ocupação mais antiga nesta área da plataforma.

- Se as assumirmos, mesmo assim, como referências fiáveis, verificamos que a construção do TEL 1 é anterior a esta ocupação, pelo que podemos dizer que a construção do TEL 1 é anterior ao intervalo 2859-2475 cal. a.C. 2σ , situando-se, portanto, na primeira metade do 3º mil. a.C.
- A construção do TEL 1 é anterior à construção do TEL 2, cujas datações, obtidas a partir de estruturas da sua base, estabelecem o *terminus post quem* para este talude entre c. 2500-2300 a.C., ou seja, na segunda metade do 3º mil. a.C.
- O TEL 1 é posterior ao Talude Superior, construído entre c. 2900/2850-2700 a.C.
- O encerramento da PIL ocorre num momento imediatamente posterior ao intervalo de tempo 2860-2212 cal. a.C. 2σ , informação fornecida pelas datações provenientes de estruturas subjacentes ao nível do encerramento (Lx. 112 e Lx. 118).
- A combinação estatística destas datas permite-nos apontar a ocupação da PIL para um intervalo entre c.2860 e 2212 cal. a.C. 2σ .

¹ Conhecem-se duas datas consideradas válidas na Unidade Interna, provenientes de contextos absolutamente fechados, e que apontam para um intervalo entre 2860 a.C. e 2500 a.C. São datas referentes ao momento imediatamente anterior à condenação do recinto superior, cuja origem se situaria provavelmente no limite superior deste intervalo, ou mesmo no início do 3º mil. a.C. (Sanches (coord.), 2008:44).

Nº	Ref. Lab.	Contexto	Datação BP	Calibração (a.C.) <i>Reimer et al. 2013</i>			
				1 sigma	%	2 sigma	%
PIL 1	Ua-22212	Lx. 109.2	4065±45	2835-2817	10.4	2859-2809	13.2
				2665-2563	66.5	2753-2721	4.9
				2533-2494	23.1	2702-2475	81.9
PIL 2	CSIC-1617	Lx. 41.2	4046±29	2619-2605	13.9	2833-2819	3.0
				2600-2592	6.1	2659-2650	1.4
				2589-2563	30.6	2634-2476	95.7
				2534-2493	49.4		
PIL 3	Ua-18528	Lx. 112	4060±50	2834-2817	9.0	2860-2808	12.7
				2664-2644	9.7	2756-2719	5.4
				2639-2557	52.8	2704-2472	81.9
				2554-2551	1.2		
				2536-2491	27.3		
PIL 4	Ua-18529	Lx. 118	3920±50	2475-2338	96.5	2567-2519	7.3
				2316-2310	3.5	2499-2280	90.2
						2250-2231	1.9
						2218-2213	0.5

Quadro 1: Datações obtidas por radiocarbono para a PIL (datas retiradas de Sanches (coord.) 2008:45, calibradas de acordo com *Reimar et al. 2013*).

Nº	Ref. Lab.	Contexto	Datação BP	Calibração (a.C.)			
				<i>Reimer et al. 2013</i>			
				1 sigma	%	2 sigma	%
TEL 1	Sac-1971	Lx. 148.4	3895±45	2464-2338	94.2	2480-2274	93.6
				2321-2318	1.9	2256-2208	6.4
				2316-2310	3.9		
TEL 2	CSIC-1964	Lx. 148.4	3950±42	2563-2533	21.2	2571-2512	22.8
				2494-2435	49.6	2505-2334	74.2
				2420-2404	11.0	2324-2303	3.0
				2379-2349	18.2		
TEL 3	CSIC-1963	Lx. 148.3	4129±42	2861-2807	30.8	2872-2581	100.0
				2757-2718	22.2		
				2706-2624	47.0		

Quadro 2: Datações obtidas por radiocarbono para o TEL (datas retiradas de Sanches (coord.) 2008:48, calibradas de acordo com *Reimar et al. 2013*).

Como podemos verificar, as datações absolutas indicam-nos intervalos de tempo muito amplos, acabando por limitar o nosso discurso a um estabelecimento de sequências relativas sem grande precisão cronológica. Podemos apontar a construção do TEL 1 para a primeira metade do 3º mil. a.C., e a construção do TEL 2 para a segunda metade do mesmo, mas não podemos indicar datas mais precisas. A PIL, por sua vez, é também posterior à construção do TEL 1, facto que nos é indicado mais pela análise estratigráfica do que propriamente pelas datações obtidas naquela zona, que apresentam largos intervalos de tempo. Assim, apesar de sabermos que tanto a PIL como o TEL 2 são posteriores ao TEL 1, desconhecemos a relação cronológica entre estas duas unidades construtivas. A datação obtida na estrutura Lx. 109.1 (2859-2475 cal. AC 2 σ), na PIL, sobrepõe-se estatisticamente à datação da estrutura Lx. 148.3 (2872-2581 cal. AC 2 σ) do TEL 2. Porém, porque ambas as datações se apresentam num largo intervalo de tempo, não nos é possível afirmar que a PIL e o TEL 2 são contemporâneos. Podem ter sido construídos na mesma altura, como pode ter havido um intervalo entre a construção destas unidades.

Também não nos é possível saber quanto tempo decorreu entre a construção do TEL 1 e a construção do TEL 2, ou seja, durante quanto tempo a zona entre o limite exterior do TEL 1 e as “pedras fincadas” terá sido ocupada. Possivelmente esta ocupação

terá ocorrido antes do encerramento da PIL, podendo ter estado ambas a funcionar em simultâneo enquanto recintos onde se realizaram acções variadas. A data obtida a partir da base do TEL 2 (Lx.148.3) pode estar associada a uma ocupação deste tipo ou a um evento bastante anterior à construção deste talude, como pode também ser uma estrutura fundacional do mesmo e, portanto, imediatamente anterior.

A compreensão da arquitectura do Crasto de Palheiros depende em grande medida do conhecimento das temporalidades das suas estruturas, e não apenas das datas de início de construção e de encerramento das mesmas. Desenvolvemos, assim, um inquérito que tem como ponto de partida o estado de conservação dos fragmentos, por se entender que este pode ser indicador dos processos de formação dos depósitos, contribuindo dessa forma para a compreensão geral da arquitectura do sítio.

4. O ESTUDO DOS FRAGMENTOS CERÂMICOS. METODOLOGIA E CRITÉRIOS DE ANÁLISE

Schiffer reconheceu a importância que a análise de um conjunto de características dos artefactos pode significar para o estudo da formação dos depósitos em que os mesmos se inserem. Aludindo ao tamanho dos fragmentos como critério indicador de eventuais actividades de limpeza, de movimentação de sedimentos (seja por acção humana ou de outro tipo), chama também a atenção

para outros factores, como a densidade, a orientação e profundidade da peça, o grau de deterioração, etc. Quanto mais dispersos estiverem os fragmentos, quanto mais difícil for a reconstituição do recipiente cerâmico, quanto maior for a incompletude do mesmo, mais significativos terão sido os processos de revolvimento e perturbação dos depósitos. Quanto mais próximo o recipiente estiver da sua forma original, menos perturbado se encontrará o depósito (Schiffer, 1987:283). O autor destaca ainda a importância das colagens como forma de apurar processos de distúrbio dos depósitos.

As propostas apresentadas por Schiffer estão intimamente ligadas ao conceito de “fragmento órfão”, referente aos fragmentos que não colam com outros e que se constituem como representantes isolados de um recipiente. Chapman, por sua vez, considera que a existência de elevadas percentagens de fragmentos órfãos em muitos sítios pré-históricos se deve a práticas sociais de fragmentação intencional de recipientes e não propriamente a processos pós-deposicionais (Chapman e Gaydarska, 2007:100).

Na linha explicativa de Chapman e no seguimento do trabalho desenvolvido por L. Mcfadyen (Mcfadyen, 2016), Ana Vale elabora um inquérito tendo por base o estudo da fragmentação enquanto resultado de práticas sociais (Vale, 2011). A fragmentação intencional e a manipulação de fragmentos estariam integradas numa cadeia de acções definidoras da “vida” do objec-

to. Assim, a integração de fragmentos cerâmicos nos contextos não é entendida unicamente como uma acção de descarte, podendo significar uma acção intencional de deposição e possuindo o fragmento toda uma nova carga conceptual. A autora opta, assim, por estudar o fragmento enquanto fragmento e não como a parte de um todo (o recipiente), assumindo o conceito de encaideamento, desenvolvido por Chapman (2008), segundo o qual os fragmentos fariam parte de redes de transacção de sentidos. O fragmento, enquanto materialização de relações, seria manipulado e transmitido entre pessoas e entre sítios, carregando consigo os sentidos que lhe seriam atribuídos pelas comunidades. Esta abordagem remete-nos para o conceito de biografia dos artefactos. A ideia de que os objectos, tal como os seres humanos, têm um percurso que compreende o nascimento – a sua produção, a vida – a sua utilização, e a morte – o seu descarte ou abandono, tem levado variados autores a dedicarem-se à construção de tempos de vida dos materiais (Jones, 2001). Procura-se, no fundo, atribuir uma dimensão temporal ao objecto. Encarar os fragmentos como unidades que possuem a sua própria identidade e o seu próprio percurso permite reconhecer diferentes temporalidades. A temporalidade do recipiente não é a temporalidade do fragmento, nem mesmo a que medeia entre a fractura do recipiente e a deposição dos seus fragmentos.

Admitindo a variabilidade de temporalidades que constituem o registo

arqueológico e atendendo às possíveis actividades e motivações que terão dado origem à incorporação dos artefactos no registo arqueológico, procurámos interpretar cada contexto na sua individualidade. Os 3120 fragmentos estudados provêm, assim, de diferentes unidades construtivas – camada 2a, camada 2b, TEL 1 e TEL 2 – conectadas com diferentes momentos de ocupação e construção do Crasto de Palheiros, tendo sido analisados com o objectivo de perceber as relações estratigráficas e cronológicas entre esses mesmos contextos. Para podermos compreender os processos de formação dos depósitos, consideramos importante fazer a análise integrada de algumas categorias, concretamente aquelas relacionadas com o estado de conservação dos fragmentos cerâmicos. Os critérios de análise foram os seguintes:

Tamanho | T1 – até 3cm de diâmetro, fragmentos muito pequenos; T2 – entre 3cm e 5cm de diâmetro, fragmentos pequenos; T3 – entre 5cm e 8cm de diâmetro, fragmentos médios; T4 – mais de 8cm de diâmetro, fragmentos grandes.

Estado físico das arestas (Angulosidade) | A1 – Arestas muito erodidas (não angulosas); A2 – Arestas erodidas (pouco angulosas); A3 – Arestas angulosas.

Corrosão das Superfícies | C1 – Superfícies corroídas; C2 – Superfícies não corroídas.

Procedeu-se também ao estudo da dispersão dos fragmentos e colagens entre si por se entender que este pode ser um indicador de eventuais contemporaneidades, contribuindo assim para colmatar os problemas decorrentes da descontinuidade estratigráfica entre as várias zonas do Crasto. O estado de conservação das superfícies e sobretudo das fracturas dificultou muito (ou impossibilitou mesmo) a identificação de colagens. Apesar de se terem verificado poucas colagens, foram identificadas combinações de fragmentos que, embora não colem entre si, pertencem seguramente ao mesmo recipiente.

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados desta análise confirmam as impressões que surgiram desde o primeiro contacto com a colecção: trata-se de um conjunto muito fragmentado e muito erodido, que passou, seguramente, por processos variados que contribuíram para que os fragmentos se apresentem desta forma. Há, porém, variações entre contextos e dentro dos próprios contextos que merecem uma reflexão mais atenta. Poderão as especificidades e variações identificadas estar relacionadas com práticas e/ou processos distintos? Cada um dos contextos considerados foi analisado individualmente, uma vez que, cremos, são resultado de processos distintos.

Os fragmentos cerâmicos podem estar conectados com múltiplas acções

e podem, conceptualmente, assumir diferentes papéis. Devemos, por isso, analisá-los contextualmente, tentando compreender as relações entre artefactos e entre os artefactos e os contextos em que se inserem. Não assumimos, à partida, que o conjunto de fragmentos que estudámos se relaciona unicamente com a ocupação doméstica e/ou cerimonial do Crasto de Palheiros. Julgamos que, em determinados contextos, como veremos, os fragmentos cerâmicos devem ser encarados como elementos arquitectónicos.

Camada 2a | A camada 2a destaca-se dos restantes contextos, por ser o único em que não se registam fragmentos grandes nem fragmentos de arestas angulosas e por ser aquele em que as superfícies dos fragmentos se encontram mais corroídas, o que nos permite sugerir que o conjunto cerâmico desta camada é o que se encontra mais fragmentado e mais erodido (Gráfico 1). Os fragmentos da camada 2a terão, assim, sido alvo de processos de desgaste mais intensos do que os fragmentos dos restantes contextos.

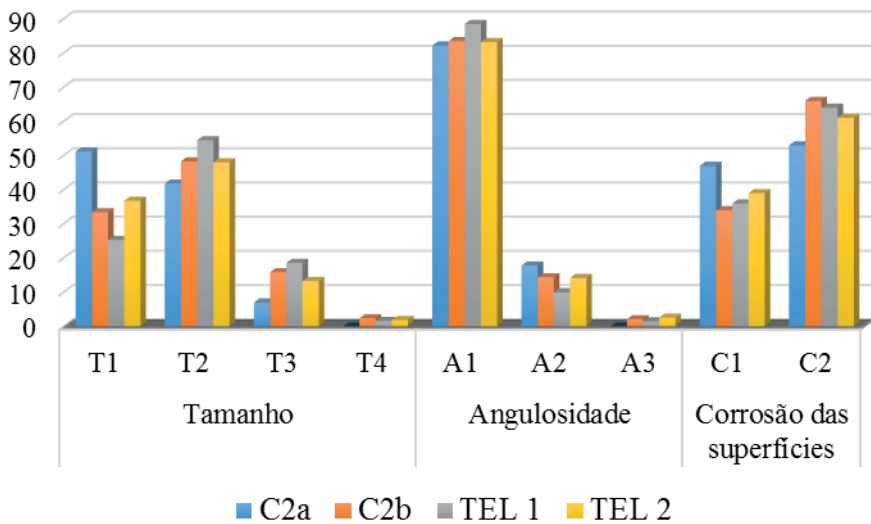


Gráfico 1: Relação entre os critérios de análise – Tamanho, Angulosidade e Corrosão das Superfícies – nas diferentes unidades construtivas, em valores percentuais.

Este nível de encerramento é paradigmático do permanente processo de construção verificado no Crasto de Palheiros e da percepção de espaços inerente à concepção de “fazer Arquitectura” das comunidades do 3º mil. a.C., entendida como um processo contínuo de habitar. É, portanto, um nível formado por um conjunto variado de práticas que se misturam no tempo e se confundem (no espaço). O encerramento das estruturas conectadas com a ocupação da plataforma, embora se apresente perante nós como uma unidade construtiva – o empedrado – corresponde, supõe-se, a um conjunto de acções que se prolongaram no tempo tendo em vista o encerramento progressivo da plataforma e não a um único momento. Como se disse, é um depósito estruturado, com grande quantidade de materiais arqueológicos, que resulta do alteamento do talude exterior e derrube da muralha que se pensa ali ter existido. Uma muralha cujas paredes seriam construídas, supõe-se, com materiais perecíveis, como madeira e/ou ramagens de plantas, revestidas por terra crua. Esta técnica construtiva implicaria que a terra utilizada fosse misturada com desengordurantes, como fragmentos cerâmicos, que seriam assim de pequenas dimensões e apresentar-se-iam mais erodidos (Vale, 2011:175).

Tendo em conta o estado de conservação dos fragmentos cerâmicos da camada 2a, podemos admitir também, como hipótese, que alguns deles seriam parte integrante das paredes da mura-

lha, constituindo-se, assim, como material construtivo. Outros fragmentos, porém, poderão ter sido integrados no empedrado como resultado de outro tipo de acções, como o transporte de pedras e terra de outros locais do Crasto, contendo também materiais arqueológicos. O elevado número de fragmentos órfãos (dos 34 recipientes identificados nesta camada, 31 dizem respeito a um único fragmento) coaduna-se com esta interpretação. De qualquer modo, cremos que podemos falar aqui de uma integração “intencional” de fragmentos cerâmicos nesta unidade construtiva, fosse como desengordurantes misturados com terra para a construção das paredes da muralha, fosse como material de “enchimento” para se proceder ao encerramento da camada de ocupação. Qualquer destas hipóteses admite a intencionalidade de integrar os fragmentos cerâmicos no encerramento da plataforma. Esta incorporação de materiais arqueológicos na construção arquitectónica abre a hipótese de tal gesto se incluir nos comportamentos simbólicos das comunidades calcolíticas do Crasto de Palheiros, não se encarando os fragmentos como restos de objectos utilitários desprovidos de sentidos, mas como algo relevante para aquelas comunidades. Mas integração intencional de fragmentos na construção não é sinónimo de “deposição” de fragmentos. A deposição enquadra-se numa performance muito particular, que remete para uma outra linguagem e para uma outra concepção das materialidades. Embora não ex-

cluamos que este tipo de práticas possa ter ocorrido no contexto do encerramento da plataforma, não nos é possível identificar, no registo arqueológico, tais acções.

Esta camada registou um reduzido número de colagens entre os seus fragmentos (apenas 1.4%) e, ao nível das colagens com outros contextos, apenas se verificaram colagens com a camada 2b, que lhe está imediatamente subjacente. Em contrapartida foram identificadas colagens entre 9 fragmentos pertencentes ao mesmo recipiente, exumados em três contextos diferentes: camada de ocupação da PIL (2b), TEL 1 e TEL 2. Trata-se de um recipiente que, por razões que desconhecemos, viu os seus fragmentos dispersos pela camada 2b e por todo o talude. Só na camada de encerramento (c. 2a) é que não se encontraram fragmentos deste recipiente. Estes fragmentos ligam de alguma forma os três contextos por onde se distribuem, uma vez que é algo que têm em comum. Supomos que a acção ou processo que terá estado na origem da dispersão e integração desses fragmentos nestas unidades ocorreu antes do encerramento da PIL, pois não foram encontrados fragmentos deste recipiente na camada 2a. É provável que a incorporação dos fragmentos no talude não se deva a processos de “escorrimento”, uma vez que se supõe ter existido uma muralha calcolítica no topo do TEL 1, que só durante o encerramento da PIL foi derrubada. Podemos, assim, admitir que durante a ocupação da plataforma os fragmentos

poderão ter sido incorporados no talude em acções de reconstrução do TEL 1 e/ou construção ou reconstrução do TEL 2, utilizando para o efeito materiais cerâmicos provenientes da camada 2b. Estes materiais também poderiam para aqui ter sido transportados de outras zonas do Crasto, durante a ocupação da PIL.

Pensamos que a inexistência de colagens entre fragmentos da camada de encerramento da plataforma (camada 2a) e fragmentos do talude, embora não nos permita aventurar em interpretações relevantes, deve ser assinalada. Este facto poderá significar uma desconexão cronológica entre a camada 2a e o talude, sugerindo que aquela poderá corresponder ao último acto construtivo desta zona. Mesmo admitindo esta hipótese, isso não nos adianta qualquer tipo de esclarecimento relativamente ao faseamento discreto do talude (concretamente em relação ao início da construção do TEL 2 que já supomos estar enquadrado na segunda metade do 3º mil. a.C). Mas o facto de se terem verificado colagens entre fragmentos do mesmo recipiente encontrados na camada de ocupação da PIL, no TEL 1 e no TEL 2 permite-nos levantar a hipótese de estas três unidades construtivas terem estado “activas” num mesmo momento. Ou seja, quando se dá o encerramento da PIL já o TEL 2 teria sido construído ou estaria em construção e o TEL 1 estaria em reformulação. Esta hipótese não contraria aquilo que foi dito anteriormente acerca do momento após o qual se terá

dado início ao encerramento da PIL. Este é um exercício de questionamento que permite levantar uma hipótese cronológica a partir das colagens, mas que necessitará de ser conjugada com outros dados.

Camada 2b | Esta é uma camada com características bastante diferentes da camada de encerramento. Desde logo porque se trata de um nível de ocupação, o que, por si só, indicia particularidades contextuais. Sendo este um contexto de ocupação admitimos aqui a realização de uma multiplicidade de acções que se entrelaçam no registo arqueológico, acções essas decorridas em diferentes momentos e correspondendo a diferentes temporalidades. Contextos domésticos convivem, assim, com contextos de cariz “especial”, sendo necessário recorrer aos conjuntos artefactuais de cada contexto para lhe tentar atribuir um sentido. Pensamos que aqui o elevado grau de desgaste e fragmentação dos componentes cerâmicos pode dever-se a variados factores (Gráfico 1). O estado de fragmentação verificado nas cerâmicas da camada 2b pode, em parte, ser justificado pelo uso doméstico dos recipientes e consequente descarte após a sua fractura. O facto de ser um nível de ocupação que integrava contextos domésticos e, como tal, ser um local de circulação e de utilização permanente, onde se desenvolviam actividades diversas (incluindo a limpeza de espaços) terá contribuído para o

acentuar da fracturação e desgaste dos fragmentos (Botelho, 1996).

Destacamos também a elevada percentagem de fragmentos órfãos nesta camada (dos 281 recipientes identificados, 258 correspondem a um único fragmento), que reforça a ideia de que também aqui se terão realizado acções de reconstrução de estruturas que incluiriam o transporte e a manipulação de materiais de diferentes zonas do Crasto, contribuindo desse modo para a dispersão dos fragmentos. Ainda assim, este foi o contexto onde, em termos gerais, se identificou o maior número de colagens entre fragmentos do mesmo recipiente. Todavia, estes valores percentuais merecem esclarecimento. A camada 2b integra contextos (alguns deles fechados) com fragmentos cerâmicos que colam entre si, o que terá influenciado a percentagem geral da mesma. Assim, iremos analisar em pormenor o Lx. 118, tendo em conta que, como veremos, se distancia do panorama geral da camada.

O Lx. 118 (Fig. 3) corresponde a uma pequena estrutura subcircular formada por pedras, situada entre os sedimentos da camada 2b, que continha um conjunto de materiais identificados como especiais, tendo em conta o contexto em que se integram e as associações estabelecidas entre si. O seu interior continha argila, um machado de pedra polida, carvões (que forneceram datações de radiocarbono) e um recipiente cerâmico incompleto. A estrutura foi intencionalmente selada.

Quanto ao tamanho, o Lx. 118 apresenta valores muito diferenciados relativamente aos restantes complexos, particularmente nas categorias T3 e T4, que, quando somadas, são os valores mais elevados de toda a colecção. Já os fragmentos muito pequenos apresentam os valores percentuais mais baixos entre os complexos da camada 2b. Em relação à angulosidade é também de assinalar a percentagem da categoria A3. Não sendo maioritária, apresenta valores elevados quando comparados com os valores dos restantes contextos (que na maioria dos casos são residuais ou mesmo nulos). Já os fragmentos muito erodidos apresentam dos valores mais baixos de todos os contextos. A análise da corrosão das superfícies revela-nos que este é o contexto onde as superfícies estão melhor preservadas. Estamos assim perante um contexto que, claramente, preservou os fragmentos cerâmicos de uma maneira muito par-

ticular. Julgamos que tal facto deve-se, por um lado, à manipulação dos mesmos (que não terá sido tão intensa como noutros casos) antes da sua deposição na estrutura. Por outro lado, o facto de os fragmentos se encontrarem num contexto fechado possibilitou a sua preservação relativamente aos processos pós-depositivos. O recipiente cerâmico exumado nesta estrutura, incompleto e fragmentado que se referiu anteriormente, é constituído por seis fragmentos que colam entre si e que apresentam as suas arestas muito bem preservadas. Tratando-se de um contexto selado, é possível que este recipiente ali tenha sido depositado, se não em fragmentos, muito provavelmente, como um grande fragmento. Ou seja, estas análises e o facto de a estrutura estar selada mostra que este recipiente não foi ali depositado enquanto recipiente, mas enquanto fragmento (ou fragmentos), remetendo-nos, assim, para um outro

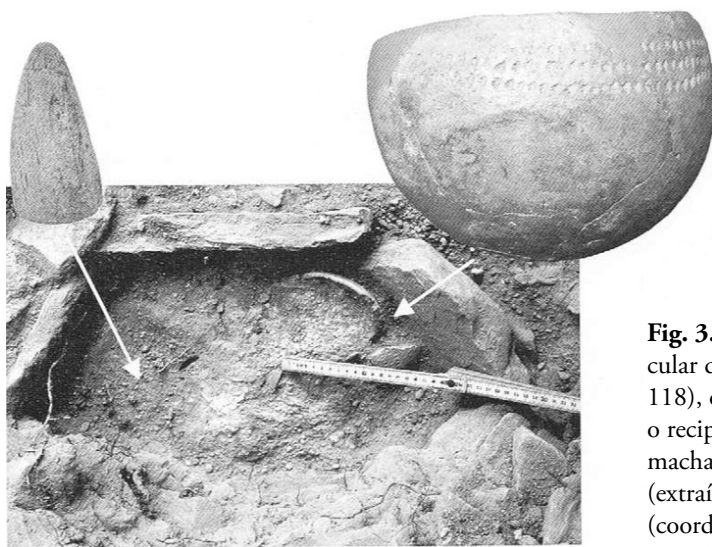


Fig. 3. Estrutura subcircular da camada 2b (Lx. 118), onde foi depositado o recipiente cerâmico e o machado de pedra polida (extraído de Sanches (coord.) 2008:119).

tipo de interpretação deste contexto. Para além dos fragmentos correspondentes a este recipiente foram ainda exumados cerca de vinte outros fragmentos que, na globalidade, apresentam características de conservação semelhantes aos fragmentos acima mencionados. O facto de estes não colarem entre si, encontrando-se neste contexto selado, coaduna-se com a ideia de estarmos perante deposições intencionais de fragmentos. Rejeitamos, portanto, a hipótese de estes fragmentos corresponderem a acções de descarte.

A deposição de fragmentos na estrutura Lx. 118 pode, assim, ser interpretada como a materialização de relações entre indivíduos ou entre comunidades, assumindo o(s) fragmento(s) uma carga simbólica, desvinculada da sua forma original (conceito de “encadeamento” desenvolvido por Chapman). Poderia tratar-se também da integração de um elemento conectado com actividades domésticas – o recipiente cerâmico – enquanto acção de ritualização da “vida doméstica” (Bradley, 2003:355). É necessário atender às relações entre os materiais em cada contexto, pois são elas que lhe dão significado.

TEL 1 | É, como verificámos, a unidade construtiva mais antiga da zona que estamos a analisar. É, pelo menos, a que terá começado a ser construída primeiro. Acreditamos, contudo, que esta estrutura foi continuamente reformulada (até por questões de manutenção) e que a sua construção corresponde a uma temporalidade alargada (o tal conceito de Arquitectura como acção e não como projecto acabado). Esta terá sido, aliás, prática

generalizada a todas as áreas do Crasto. Porém, o TEL 1 apresenta-se-nos como um grande bloco unitário, cujos “micro-momentos” construtivos se diluem na grande estrutura. Não podemos, assim, individualizar esses momentos ou fases de construção do talude. Tal como nos restantes contextos estudados, também aqui os fragmentos cerâmicos se encontram muito fracturados e erodidos.

Pensamos que a integração de fragmentos cerâmicos neste talude não é acidental, resultando, sim, de uma adição intencional. O talude não foi um local de circulação nem um espaço de “ocupação” no sentido literal do termo. Além do mais, durante a ocupação da plataforma, como supomos, terá havido uma barreira física (a muralha), o que impossibilitaria, ou dificultaria, a movimentação de fragmentos e de sedimentos entre a plataforma e a área dos taludes 1 e 2. Os fragmentos cerâmicos exumados nesta estrutura terão, assim, sido ali integrados de forma intencional, razão que nos leva a considerá-los como parte integrante da arquitectura. Podemos questionar a intenção dos construtores do Crasto de Palheiros ao fazê-lo. Terá sido a integração de material que, uma vez fracturado e incapacitado de desempenhar a função para a qual foi concebido acabou por ser descartado, e, desprovido de qualquer significado (senão o de “lixo”), assume uma última função como material construtivo? Ou poderá, antes, corresponder a uma reciclagem do seu significado? Desconhecemos o papel que o fragmento cerâmico assumiu nesta

construção. Pode ali ter sido colocado como lixo ou como material de construção, de facto. Mas pode também ter sido manipulado enquanto elemento individual, especial, que evoca determinadas práticas ou cosmologias.

Ao avaliar o estado de conservação do conjunto cerâmico do TEL 1 (Gráfico 1) ficámos com a forte convicção de que os fragmentos foram sujeitos a intensos processos de manipulação, movimentação e transporte de uns locais para os outros. Esta interpretação vai, aliás, ao encontro daquele que desde sempre se considerou ser o processo construtivo do Crasto de Palheiros no 3º mil. a.C: um sítio que ao longo de cerca de mil anos foi alvo de intensas construções e reconstruções. Este constante refazer do projecto arquitectónico (a Arquitectura como acto contínuo) implicaria a transferência e a circulação de materiais, decorrente da reutilização de sedimentos (contendo materiais arqueológicos), provenientes de outras áreas do Crasto. Julgamos até que esta será a principal causa do elevado número de fragmentos órfãos (e, conseqüentemente, o reduzido número de colagens). Acreditamos também que o estado de conservação dos fragmentos cerâmicos estudados, o seu elevado grau de fragmentação e erosão, se deve, em grande medida, a este processo construtivo.

TEL 2 | Podemos também aplicar esta nossa interpretação ao TEL 2. Tal como no TEL 1, o “miolo” do TEL 2 continha uma grande quantidade de fragmentos cerâmicos que se encontravam envolvidos numa amálgama de

pedras e terra (mas sobretudo de terra, se o compararmos com o TEL 1, onde dominaria a pedra) que acreditamos ter sido transportada de diferentes zonas do Crasto e ter passado por variados processos de revolvimento. Foi possível fazer colagens em 2% dos fragmentos do TEL 2. Ainda assim, a quantidade de fragmentos órfãos é muito elevada: dos 386 recipientes identificados neste contexto, 363 correspondem a um único fragmento. Pensamos que a constante reformulação das estruturas e a transferência e circulação de materiais por diferentes zonas do Crasto são as principais causas responsáveis pela grande dispersão dos fragmentos.

Embora nos tenhamos focado nos processos conduzidos por acção antrópica, que poderão ter contribuído para o estado de elevada fragmentação e erosão dos fragmentos, não pretendemos ignorar que outros processos, não controlados pelo homem, terão afectado os vestígios arqueológicos. Também os agentes naturais podem alterar o padrão sistémico de um sítio arqueológico, afectando-o, modificando a sua estrutura e organização e alterando a disposição das materialidades. Admitimos, como é evidente, que os materiais por nós estudados sofreram processos pós-depositacionais e que não nos chegaram tal como foram depositados. A percolação de águas, a movimentação das pessoas, escorrimientos naturais e mesmo a acção de animais, poderão ter contribuído para a incompletude da colecção e para o seu estado de fragmentação e erosão. Porém, para determinar a forma como esses processos afectaram os contex-

tos analisados neste estudo seria necessário desenvolver outro tipo de análises, que iriam além da nossa própria disciplina, não nos sendo possível, por ora, desenvolver este aspecto.

6. CONCLUINDO

O inquérito que desenvolvemos procurou explorar as potencialidades dos fragmentos cerâmicos, que vão muito além da caracterização morfotipológica de recipientes. Esta componente artefactual pode revelar-se extremamente informativa no que se refere ao conhecimento dos processos de formação dos depósitos. Parte do nosso estudo incidiu, assim, sobre o estado de conservação dos fragmentos cerâmicos.

É necessário atender às possíveis actividades que terão dado origem à incorporação dos artefactos no registo arqueológico e reconhecer, como alertou Binford (Binford, 1978) que a “função” dos artefactos não traduz de forma linear a “função” dos sítios, sendo a relação artefacto-sítio muito complexa. Tendo esta ideia presente, procurámos identificar, em cada contexto, a forma como os fragmentos ali foram integrados, renunciando a interpretações funcionalistas óbvias e imediatas. De facto, os fragmentos cerâmicos analisados permitiram compreender de forma mais aprofundada os contextos em que estavam inseridos: Plataforma Inferior Leste e Talude Exterior Leste. Pudemos, assim, confirmar aquela que já anteriormente era tida como a inter-

pretação mais provável. O Crasto de Palheiros terá sido um sítio que, ao longo da sua ocupação/construção calcolítica, foi alvo de permanentes reconstruções e reformulações que permitem integrar este sítio numa concepção de Arquitectura como acção contínua, como prática colectiva, como expressão identitária. Os fragmentos do talude (TEL 1 e TEL 2), bem como os fragmentos de alguns contextos da plataforma, enquadram-se, muito provavelmente, neste tipo de acções construtivas.

Conscientes de que o fragmento cerâmico traz consigo marcas do seu percurso (Vale, 2011:203), tratámos de o analisar contextualmente, na tentativa de reconhecer essas marcas. Verificámos, pois, que o fragmento cerâmico, entendido na sua individualidade, se inscreve em narrativas de deposição intencional de materialidades integradas no sistema simbólico e cosmológico das comunidades do Crasto de Palheiros – caso das deposições da estrutura Lx. 118. Admitimos ainda que muitos dos fragmentos da nossa colecção estão directamente relacionados com actividades domésticas, particularmente aqueles exumados na camada de ocupação da PIL (camada 2b).

A identificação de fases discretas de ocupação e construção das diferentes estruturas, como se confirmou, é extremamente complicada. No entanto, cruzando os dados obtidos na nossa análise com as datações disponíveis para esta zona, foi possível avançar algumas hipóteses interpretativas que se coadunam com o faseamento geral

proposto para a ocupação calcolítica do Crasto de Palheiros (Sanches, 2008, Sanches e Nunes, 2005).

As construções arquitectónicas do Crasto afeiçoaram aquele relevo geológico já de si imponente. Os taludes, sendo estruturas monumentais que ocupam muito mais espaço do que aquele que ajudam a delimitar, não podem ser entendidos como meras estruturas funcionais (Sanches, 2007:108). Se para além disto tivermos em conta as acções a ele associadas e o processo construtivo inerente a este sítio, facilmente percebemos que a montante de tudo isto está um universo cosmológico único e que as comunidades calcolíticas de Trás-os-Montes Oriental se inscrevem num quadro mental e social muito particular. Ao atribuir monumentalidade a este sítio estas comunidades definiam-se a si próprias. Podemos dizer que o conceito de Arquitectura subjacente ao Crasto de Palheiros é o de construir habitando (ou, se quisermos, habitar construindo) e podemos também dizer que estas acções permanentes de habitar / construir não só se integram no sistema identitário destas comunidades, como o definem.

Este texto resulta do trabalho desenvolvido no âmbito da Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, orientada pela Professora Maria de Jesus Sanches.

BIBLIOGRAFIA

- AMORIM, I.: Crasto de Palheiros (Murça). As ocupações da Pré-História e da Proto-História da Plataforma Inferior. Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto para obtenção do grau de Mestre em Arqueologia Pré-histórica, Edição Policopiada: 1999.
- BARBOSA, M. H.: O Contributo do Material Cerâmico do Crasto de Palheiros para o Entendimento de Processos de Uso e Construção do Talude e Plataforma Inferior. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Edição policopiada: 2015.
- BARRET, J.: Contextual Archaeology. *Antiquity* 61: 1987, pp. 468-473.
- BINFORD, L.: *Nunamiut Ethnoarchaeology*, New York: Academic Press (1978).
- BOTELHO I.: Dos cacos e dos vasos. O “Castelo Velho” de Freixo de Numão, na charneira do IIIº / IIº mil. a.C. Contributo para o estudo da cerâmica pré-histórica de Castelo Velho. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto para obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, Edição policopiada: 1996.
- BRADLEY, R.: Enclosures, monuments and the ritualization of domestic life. In: JORGE, S.O. (ed.): *Recintos Murados da Pré-história Recente*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003, pp. 355-369.
- BROADBENT, G.: *The Structures of Architecture*, in Broadbent and Jencks, *Signs, Symbols and Architecture*. Wiley, New York.: 1980.
- CARDOSO, J.M.: *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa) – Um Recinto Monumental do IIIº e IIº milénio a.C.: Problemática do Sítio e das suas Estruturas à Escala Regional*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da

- Universidade do Porto, Edição Polico-
piada: 2007.
- CHAPMAN, J.: Object Fragmentation
and Past Landscapes In DAVID, B.,
THOMAS, J. (Eds.) (2008) Hand-
book of Landscape Archaeology, Left
Coast Press, 2008, pp. 187-201.
- CHAPMAN, J. GAYDARSKA, B.: Parts
and Wholes. Fragmentation in Prehistor-
ic context. Oxbow Books, Oxford: 2007.
- FRAMPTON, K.: An Anthropology of
building. In: FARMER, B. LOUW, H.
(eds.): Companion to contemporary
architectural thought. Routledge, Lon-
don: 1993, pp. 396-398.
- GALINIÉ, H.: De la stratigraphie à la
chronologie. In SCHNAPP, A. (dir.):
L'Archeologie aujourd'hui. Biblio-
thèque d'Archéologie, Hachette: 1980,
pp. 63-85.
- HARRIS, E.: Principles of Archaeological
Stratigraphy. Academic Press Limited,
1979.
- HEIDEGGER, M.: Construir, habitar,
pensar. In RODRIGUES, J.M. (coord.
edit.): Teoria e crítica de Arquitectura
– Século XX. Ordem dos Arquitectos,
Caleidoscópio, Lisboa: 2010, pp. 349-
351.
- HODDER, I. HUTSON, S.: Reading the
Past: Current Approaches to Interpre-
tation in Archaeology. Cambridge Uni-
versity Press, Cambridge: 2003.
- INGOLD, T.: Building, dwelling, living:
how animals and people make them-
selves at home in the world. In The Per-
ception of the Environment. Essays in
Livelihood, Dwelling and Skill. Rout-
ledge, London: 2000.
- JONES, A.: Archaeological Theory and
Scientific Practice. Cambridge Univer-
sity Press, (2001), pp. 63-103.
- JORGE, S.O.: “Colónias, fortificações,
lugares monumentalizados. Trajectó-
ria das concepções sobre um tema do
Calcolítico Peninsular”. In Revista da
Faculdade de Letras, II Série-Vol. 11,
Sociedade Portuguesa de Antropologia
e Etnologia, Porto: 1994, pp. 447-546.
- JORGE, S.O. (ed.): Recintos Murados da
Pré-história Recente. Faculdade de Le-
tras da Universidade do Porto, Porto:
2003.
- JORGE, S.O. JORGE, V.O. CARDOSO,
J.M. PEREIRA, L.S. COIXÃO, A.S.:
Reflexões preliminares a propósito
de formas de organização do espaço
e de técnicas de construção em sítios
pré-históricos recentes (Calcolítico/I.
Bronze) do tipo de Castelo Velho e de
Castanheiro do Vento (Vila Nova de
Foz Côa) – semelhanças e diferenças
em relação às construções megalíticas e
afins. Portugalia, Nova Série, Vol. XXV.
DCTP-FLUP, Porto: 2005, pp. 53-73.
- LEFAS, P.: Dwelling and Architecture:
From Heidegger to Koolhaas. Ed. Jovis
Verlag: 2009.
- LEFEBVRE, H.: A produção do espa-
ço (excerto). In RODRIGUES, J.M.
(coord. edit.): Teoria e crítica de Ar-
quitectura – Século XX. Ordem dos
Arquitectos, Caleidoscópio, Lisboa:
2010, pp. 636-640.
- LOCK, G. MOLYNEAUX, B.L.: Con-
fronting Scales in Archaeology. Spring-
er, Oxford, (2006).
- LUCAS, G.: The Archaeology of Time.
Routledge, London: 2005, pp. 1-60.
- LUCAS, G.: “The unbearable lightness of
prehistory”. Archaeological reflections
on material culture and time. Journal
of American Archaeology, (2007), pp.
25-37.
- MARKUS, T.A.: Buildings as social ob-
jects. In: FARMER, B. LOUW, H.
(ed.): Companion to contemporary

- architectural thought. Routledge, London: 1993, pp. 15-20.
- MCFADYEN, L.: "Material culture as architecture". In: JORGE, V. O. (ed.): Approaching "Prehistoric and Protohistoric Architectures" of Europe from a "Dwelling Perspective". *Journal of Iberian Archaeology*, vol.8, special issue. Porto: ADECAP, (2006).
- MCFADYEN, L.: "Actions in Time: After the breakage of pottery and before the construction of walls at the site of Castelo Velho de Freixo de Numão". *Estudos do Quaternário*, APEQ, 15 (2016), pp. 71-90.
- NOYES, J.: "Space-Time conversion and the production of the human". In: STOCK, M. e VOHRINGER, N.: *Spatial Practices. Medieval/Modern. Série Transatlantic Studies on Medieval and Early Modern Literature and Culture* (TRAST), V & R Unipress, (2014), pp. 47-61.
- PEARSON, M.P. RICHARDS, C.: *Architecture and Order: Spatial representation and Archaeology*. In: PEARSON, M.P. RICHARDS, C.: *Architecture and Order: Approaches to Social Space*. Routledge, London: 1999, pp. 38-72.
- SANCHES, M.J.: "Craсто de Palheiros – Murça. Reflexões sobre as condições de estudo e de interpretação duma mega-arquitectura pré-histórica do Norte de Portugal." In: JORGE, S.O. (Coord.): *Recintos Murados da Pré-história Recente*, Porto-Coimbra: DCTP-FLUP/CEAUCP, (2003), pp. 115-148.
- SANCHES, M.J.: "Craсто de Palheiros – Murça. Considerations on the study and interpretation of a prehistoric mega-construction." *Journal of Iberian Archaeology* 6, (2004), pp. 117-145.
- SANCHES, M.J.: "Cronologia absoluta e relativa da construção, uso e condenação do Craсто de Palheiros: uma exposição sintética", (2007). In: JORGE S.O. *et al* (Eds.): *A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica*. Actas do 4º Congresso Nacional de Arqueologia, Centro de Estudos do Património da Universidade do Algarve, Faro, (Setembro 2004), pp. 107-120.
- SANCHES, M.J.: *O Craсто de Palheiros, Fragada do Craсто*. Município de Murça: 2008.
- SANCHES, M.J.; NUNES, S.A.: *Monumentos em pedra numa região de Trás-os-Montes – nordeste de Portugal. Sua expressão na paisagem habitada durante o 4º e 3º milénio a.C.* In *Revista da Faculdade de Letras, I série*, vol. IV, 2005: pp. 53-83
- SCHIFFER, M.: *Formation Processes of the archaeological record*. NW: University of New York Press, Albuquerque: 1987.
- THOMAS, J.: *Time, Culture and Identity: an Interpretative Archaeology*. Routledge, London: 1996.
- VALE, A.M.: *Modalidades de produção de espaços no contexto de uma colina monumentalizada: o sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento, em Vila Nova de Foz Côa*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras do Universidade do Porto, Edição policopiada: 2011.
- WHITTLE, A.: "The temporality of enclosure". In: JORGE, V.O. (ed.): Approaching "Prehistoric and Protohistoric Architectures" of Europe from a "Dwelling Perspective", *Journal of European Archaeology*, 8, special issue, Porto: ADECAP, (2006), pp. 15-24.